EEABI
Espaços Educativos
Afro-Brasileiros e Indígenas
da Rede Municipal de
Educação de Porto Alegre/RS

ESCREVIVÊNCIAS EEABIS

2025

Escrevivências: Espaços Educativos Afro-Brasileiros e Indígenas (EEABIs - 2025)

Organização
Adriana Garcia Nunes
Camila Alexandrini
Ivanize Honorato

SMED/POA
Unidade de Programas Educacionais
Eixo ERER

Capa e Diagramação
Camila Alexandrini

Fotos da capa
SMED

Fotos do miolo
Arquivo pessoal dos autores

Contato
smed.edh@portoalegre.rs.gov.br

Disponível em:
https://encurtador.com.br/cyVL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

37.01(816.51)
P923e Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação. Unidade de Programas Educacionais. Eixo ERER.

Escrevivências: Espaços Educativos Afro-Brasileiros e Indígenas (EEABIS- 2025) [E-book] / Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação. Unidade de Programas Educacionais. Eixo ERER. ; organização: Adriana Garcia Nunes, Camila Alexandrini, Ivanize Honorato. – Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2026.

45 p. : il., color.

Disponível em: https://encurtador.com.br/cyVL

e-ISBN: 978-65-01-96625-0.

1. Espaços Educativos Afro-Brasileiros e Indígenas (EEABIs). 2. Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). 3. Educação Antirracista. 4. Porto Alegre: Rede Municipal de Ensino. 5. Práticas Pedagógicas. 6. Relatos de experiências. I. Nunes, Adriana Garcia. II. Título.

Ficha catalográfica de Mara Solange Franke – CRB 10/1787
Bibliotecária da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

“A nossa escrita não é para ninar os da casa-grande,
mas para incomodá-los em seus sonos injustos.”
Conceição Evaristo

APRESENTAÇÃO

Esta publicação nasce na escola e do compromisso ético com uma educação que reconhece, valoriza e repara. Reúne escrevivências que não pretendem apenas registrar experiências, mas afirmar modos de existir, ensinar e aprender ancorados nas relações étnico-raciais, na memória e no pertencimento.

Acompanhamos de perto os percursos aqui narrados. Vimos práticas se transformarem em posicionamentos, projetos se tornarem travessias e o cotidiano escolar revelar sua potência como território de disputa, afeto e criação. Cada texto que compõe este arquivo carrega marcas de um fazer pedagógico comprometido com a infância, com a justiça social e com a implementação viva e sensível da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

As escrevivências reunidas não falam sobre as escolas: falam a partir delas. São vozes que emergem da escuta atenta às crianças, do diálogo com as comunidades, do enfrentamento ao racismo estrutural e da aposta cotidiana em uma escola pública que seja, de fato, espaço de dignidade, reconhecimento e pluralidade.

Este documento é também um gesto coletivo. Revela que o trabalho com os Espaços Educativos Afro-Brasileiros e Indígenas (EEABIs) não se sustenta em ações isoladas, mas em redes, encontros, formações, trocas e alianças construídas, muitas vezes, em meio ao cansaço, ao desconforto e à urgência. Ainda assim — ou justamente por isso —, segue sendo um trabalho profundamente amoroso e transformador.

Que esta leitura convoque outras reflexões, inspire novas práticas e fortaleça o compromisso com uma educação antirracista que não se limita ao cumprimento da lei, mas se realiza no cotidiano, no gesto pedagógico, na escolha dos repertórios e na forma como olhamos para nossas crianças e nossos adolescentes.

Seguimos em travessia.

Adriana Garcia Nunes
Camila Alexandrini
Ivanize Honorato

Unidade de Programas Educacionais
Eixo ERER

Porto Alegre, janeiro de 2026.

SUMÁRIO

Começo este texto falando das mãos pequenas
Isadora Wondracek

Tecendo o Agora com Fios de Outrora: Ancestralidade e Escrevivência na Educação Infantil
Fabiana Fontoura Negrini

Um percurso amoroso de transformação e acolhimento
Caroline de Borba da Silva

Ngakudyondo! Ago! Un dɔ gbè!
Ramon Arend Paranhos

Wayuri Lélia González
Thamires Silva e Silva

Pertencimento em movimento: escrevivências de um ano de encontros e transformações
Cintia Dubois

Partilha, desafios e conquistas
Caren Medeiros da Silva

Caminho de um ano no EEABI da EMEI Vila Nova Restinga
Rita Fabiane de Assis Machado

Sankofa: as aprendizagens do passado, as vivências do presente e as sementes do futuro
Fernanda Bernardo Maciel

Educar para pertencer: O EEABI vivido no cotidiano da Vila da Páscoa.
Michele Pacheco

Carta aberta
Thaís Magnani

EEABIS 2025: entre incertezas, resistência e consolidação
Altemir de Oliveira

Educação ancestral: histórias e resistências que educam
Éverton Luis dos Santos

Carta às crianças da EMEI Dom Luiz de Nadal
Flávia Dione Melo da Silva

O ano letivo em que a escola mudou meu olhar
Lila Fátima Kapinski

Carta aos estudantes negros da EMEF Judith
Tatiana Camargo

Sobre história de vida, ancestralidade, caminhos e sentidos para uma professora das infâncias, conectada com a natureza e a ERER
Luana Depper

COMEÇO ESTE TEXTO FALANDO DAS MÃOS PEQUENAS

Isadora Wondracek
Coordenadora EEABI EMEI Padre Angelo Costa

Começo este texto lembrando das mãos pequenas que seguraram o espelho durante a oficina de autorretratos. Ali, no reflexo que tremia, vi não só o rosto de uma criança, mas também o reflexo do caminho que percorri no EEABI.

Em janeiro deste ano, assumi como professora na rede municipal de ensino de Porto Alegre. Foi mais do que um sonho realizado, foi a concretização de um objetivo que me acompanhou por anos, a conquista de uma jovem professora que acredita que a escola pública é solo fértil para a transformação social. Ao iniciar meu trabalho, descobri rapidamente o que era, de fato, fazer parte de uma rede: pontes construídas pelos braços de professoras e professores que sabem que educar é um ato político, que seguem traçando caminhos apesar do cansaço e das incertezas sobre o futuro.

Em agosto, assumi a coordenação do Espaço Educativo Afro-Brasileiro e Indígena na EMEI onde atuo. Um novo desafio se abriu diante de mim: primeiro, reconhecer-me para além do lugar de professora; depois, ocupar um espaço que eu sentia como não sendo *para mim*.

A coordenação do EEABI me atravessou como quem abre uma janela antiga: entrou luz, entrou vento, entrou história. E junto dela, entrou também o desconforto — esse que tantas vezes tentamos evitar, mas que é justamente o que nos move. **Ser uma professora branca num espaço de educação antirracista exigiu de mim algo que não estava nos livros: a coragem de não recuar diante do que me desestabiliza. Aprendi, pouco a pouco, que não se trata de ocupar um lugar que não é meu, mas de assumir a responsabilidade ética de abrir caminhos, sustentar o debate, tensionar estruturas e garantir que a escola seja espaço de reparação para as populações negras e indígenas.**

No EEABI, cada gesto foi semente: trançada, plantada, soprada. E entre as urgências e as pequenas vitórias, descobri que o nosso fazer é também um jeito de reivindicar outras formas de existir. Os encontros, as rodas e as conversas me ensinaram que educar para a equidade não é apenas conhecer leis ou datas — é aprender a ouvir de verdade. É olhar para as crianças e

entender que elas carregam, em seus corpos pequenos, histórias longas demais para a idade que têm. É perceber os colegas e suas aflições, abrindo espaço para novas possibilidades e novas formas de fazer.

Conviver com o desconforto se tornou parte da minha formação. Ele me lembrou, dia após dia, que a educação antirracista não é um capítulo isolado, mas um compromisso contínuo, que nos atravessa e nos transforma. Foi nesse atravessamento que reencontrei a menina que fui na escola e na faculdade de educação — curiosa com histórias que ninguém me contava, inconformada com as estruturas sociais e incansável na busca pelo *certo*. Neste semestre, ela voltou a sentar comigo nas reuniões do EEABI, me olhando nos olhos e perguntando, baixinho: *"E agora, o que tu vai fazer com tudo isso?"*. Em partes, seguimos eu e ela sem saber a resposta, mas seguindo.

E eu entendi, enfim, que abrir caminhos não é sobre ser protagonista, mas sobre garantir que outras vozes ecoem, que outras presenças sejam celebradas e que a escola seja, de fato, um território onde justiça, memória e dignidade possam florescer. Por fim, ser coordenadora do EEABI não foi apenas uma função no organograma da escola, mas um convite para estudar mais, escutar melhor, errar e refazer, recuar quando necessário e avançar quando possível.

Encerramos o semestre, mas não encerramos a travessia. As sementes plantadas — nas rodas de conversa, nas oficinas, nas escolhas de leitura, nos encontros com as famílias e nas perguntas que as crianças nos lançam sem aviso — seguem germinando em silêncio. E eu sigo com elas. Sigo me reconstruindo enquanto professora e enquanto mulher que acredita que a educação pública pode, sim, ser território de cura.

Se hoje caminho pelos corredores da EMEI com mais firmeza, é porque compreendi que a luta antirracista não se faz longe do chão da escola: ela nasce justamente ali, no gesto pequeno, no cuidado compartilhado, na história que se reconta para que nunca mais seja apagada. O EEABI me ensinou que abrir caminhos é também ser caminho.

E é por isso que termino este texto como comecei: olhando para um reflexo que treme. Mas agora, ao lado da criança, também vejo a mim mesma — não pronta, não inteira, mas disponível. Disponível para seguir aprendendo, para seguir me desconstruindo e para continuar, com outras mãos, trançando o que ainda precisa florescer.

TECENDO O AGORA COM FIOS DE OUTRORA: ANCESTRALIDADE E ESCREVIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fabiana Fontoura Negrini
Coordenadora EEABI EMEI JP Patinho Feio

Em 2025, caminhamos por um território de memórias que não começam conosco e não terminam depois de nós. Foi um ano em que cada gesto de aprender se misturou ao gesto de existir, e cada descoberta se enraizou naquilo que nos constitui como povo. Nesta escrevivência, registro o que vimos, ouvimos e carregamos, porque ensinar em perspectiva antirracista é também escrever com o corpo, com o chão e com as vozes que insistem em sobreviver nas brechas da história.

Começamos pelo encontro com Cora, menina de cabelo que tecia o mundo. Sua história nos abriu caminho para olhar os fios que moldam identidades. Quando contamos "O cabelo de Cora", vi nos olhos das crianças o instante em que elas compreendiam que cada textura guarda lembranças e que cada cacho, trança ou fio é uma narrativa de pertencimento. Em seguida, construímos nossas próprias Coras, pequenas bonecas de material reciclável, mas imensas em significado. Cada criança colocava cor, cuidado e detalhe em sua criação como quem reconhece, pela primeira vez, que beleza é verdade e que verdade é aquilo que nos honra. Naquela sala, as Coras se multiplicavam, mas algo ainda maior multiplicava-se dentro das crianças: a certeza de que seus traços também importam, que seus rostos merecem ser vistos e que suas raízes merecem ser celebradas.

Depois seguimos para o território onde o tempo se faz espiral e a memória se move como água antiga: as culturas indígenas. Ali, aprendemos que os primeiros habitantes do Brasil não são passado distante, mas presença viva que resiste, recria e renova. Exploramos a arte feita de linhas que falam, formas que contam, cores que respiram com a mata. Falamos de quem foram esses povos, do que comeram e ainda comem, de como cuidam da natureza e de como a natureza cuida deles. A lenda da Vitória-Régia iluminou os olhos das crianças como a lua que toca a água e transforma desejo em flor. Nossa fogueira simbólica acendeu dentro de cada um um fogo de respeito, e as cantigas de roda nos lembraram que cantar é também guardar memórias.

Em seguida, deixamos que a África viesse até nós com sua força ancestral. As máscaras africanas chegaram como portais de histórias antigas, cheias de simbologias e proteções. Ao

construírem suas máscaras, as crianças descobriram que cada traço pode carregar coragem e que cada cor pode ser um gesto de afirmação. E quando exploramos a cultura gaúcha, fizemos questão de não caminhar por ela como quem passa por estradas isoladas. Procuramos as pontes: reconhecemos que antes do chimarrão havia a erva indígena, que antes do sul territorializado havia o sul originário, e que os Lanceiros Negros fazem parte de uma história que não pode ser esquecida. Enquanto desenhavam as lanças, as crianças carregavam por um instante a dignidade dos que lutaram por liberdade, mesmo quando o mundo tentou lhes negar esse direito.

Entre saberes e brincares, construímos brinquedos africanos e indígenas: bilboquês que pediam precisão e paciência, petecas que voavam como pássaros de vento antigo, chocalhos africanos que pulsavam como tambores de aldeia distante, tambores que ecoam ritmos de resistência. Na Semana da Criança, esses brinquedos ganharam vida nas mãos pequenas que jogaram, experimentaram e reinventaram a cultura. Lá, no movimento simples de brincar, as crianças descobriram que os povos, mesmo separados pelo oceano, dialogam nas invenções, na criatividade e na alegria que compartilham com o mundo.

Foi então que Obax atravessou nossa porta. A menina-da-chuva entrou na sala com seus tons fortes e sua coragem delicada. Ao ouvir sua história, as crianças compreenderam a persistência de quem não se deixa abater pelas tempestades. Construímos Obax e penduramos flores na árvore, lembrando que toda infância floresce quando é cuidada com verdade. Ali, entre recortes e colagens, as crianças aprenderam que a beleza não é frágil: ela é resistência.

Tivemos também o desfile de turbantes, tecidos que giravam na cabeça das crianças como coroas de memórias. Houve oficina, dança e música africanas, momentos em que os passos eram respostas ao tambor e em que o corpo respeitosamente se reconhecia como parte de algo maior do que a própria experiência individual.

Encerramos o ano em roda, como tudo que é verdadeiro precisa terminar: em círculo, onde ninguém ocupa o centro, porque o centro pertence a todos. A capoeira chegou como canto de liberdade. O berimbau riscava no ar uma linha ancestral, e as crianças, entre movimentos, risos e olhares atentos, vivenciaram o jogo que mistura corpo, luta, música e história. Ali, elas perceberam que resistência também se faz com leveza, que luta também se faz com dança e que liberdade também pode se desenhar em gestos.

Um ano inteiro dedicado a afirmar identidades, valorizar memórias e cultivar respeito. Um ano em que cada proposta foi semeada no solo fértil da infância. E sei que essas sementes crescerão, porque tudo o que é ensinado com verdade, com afeto e com ancestralidade não se perde: germina e floresce dentro de cada criança, transformando o mundo a partir do que elas carregam consigo. Este ano não termina aqui; ele continua dentro de cada uma delas, e dentro de mim.

UM PERCURSO AMOROSO DE TRANSFORMAÇÃO E ACOLHIMENTO

Caroline de Borba da Silva
Coordenadora EEABI EMEI VILA TRONCO

O ano de 2025 caracteriza-se, em nossa escola, como um ano de transformação. Ao final de 2024 recebemos uma nova direção e, com ela, tivemos mudanças bastante positivas aqui na EMEI da Vila Tronco — marcadas por um olhar mais voltado para o protagonismo e o bem estar das crianças, além de um cuidado maior com os espaços e materiais.

Neste sentido, o trabalho voltado ao EEABI e às ações de ERER também mudou bastante: tivemos a garantia das horas para formação e planejamento das ações na escola e uma nova coordenação. Com tempo de qualidade, desejo de aprender e fazer da escola um ambiente de garantia dos direitos das crianças, acredito que pudemos avançar em inúmeros aspectos.

Agora temos um espaço adequado para o EEABI na entrada da escola, onde todas as crianças e famílias circulam e têm acesso. Nele, fizemos um mosaico de fotos individuais de todas as crianças da escola, destacando o tom de suas peles ao fundo da imagem, inspirados na obra Humanae, da artista Angelica Daas. No novo espaço, temos um acervo de livros voltados à temática de ERER, uma estante com elementos da natureza, jogos e quadros que destacam e fortalecem a beleza da cultura AfroBrasileira e Indígena.

Fizemos projetos envolvendo toda a comunidade! A Sacola Itinerante, que visitou a casa de cada uma das crianças da escola, foi um deles. Depois, pensamos na Biblioteca Móvel — que fica também na entrada da escola, com livre acesso — e fizemos uma playlist colaborativa com sugestões de todos os educadores para construirmos novos repertórios sonoros com as crianças.

Aos poucos, temos pensado cada vez mais ações para melhorar o trabalho e garantir que todas as turmas e professoras/es se envolvam e entendam a importância (inclusive legal) das propostas.

Ainda que o caminho seja longo e por vezes cansativo, a caminhada tem se mostrado muito potente, necessária e menos solitária. Cada pequena conquista — seja uma conversa provocada a partir de um livro, uma brincadeira que valoriza as raízes ou um gesto de reconhecimento entre as crianças — revela que estamos começando a colher frutos. As formações também têm sido fundamentais nesse processo, pois abrem espaços de escuta, reflexão e troca com outras escolas, fortalecendo o compromisso coletivo com uma prática antirracista e inclusiva, pautada na valorização da diversidade e na construção de uma escola mais justa e afetiva. Pensar em rede é fundamental.

Para o próximo ano, a expectativa é de finalmente escolhermos um nome de peso para matrona ou patrono do nosso espaço, cuja trajetória e legado dialoguem com os valores que buscamos construir na escola cotidianamente — luta, ancestralidade, afeto, resistência, encantamento. Essa escolha, que pretendemos construir de forma coletiva com a comunidade escolar, será mais uma oportunidade de fortalecer o sentimento de pertencimento e dar sentido simbólico a um espaço que tem se consolidado como território de celebração da vida em sua diversidade.

NGAKUDYONDO! AGO! UN DŌ GBÈ!

Ramon Arend Paranhos
Coordenadora EEABI EMEF América

Ngakudyondo (em kimbundu, “eu te saúdo”)! Àgò (em yoruba, “licença”)! nɛ̌a ɖe gbɔn (em fongbe, “como você está”)? A benção [aos mais velhos e àqueles que virão] e, com a orientação de Mpungo Njila, (re)escrevivo meu ser-estar no mundo, que é-foi-será resultado de múltiplas agências. Inicio me escrevivendo, apresento a comunidade e depois o trabalho desenvolvido.

Kamoxi (em kimbundu, “primeiro”). O que me motiva(ou) a participar do EEABI não é-foi apenas parte do contexto em que trabalho e da demanda coletiva, mas também a necessidade pessoal de (re)definir meu ser. Angivwalela mu mbanza ya (em kimbundu, “nasceram-me na capital de”) Salvador, vim swalala/sarará - em kimbundu, significa algo como formiga que nasce branca. Sou resultado de um processo histórico de branqueamento, com família multiracial. O povo do ndongo em diáspora classificou assim seus descendentes que nasceram com pele clara, com traços fenotípicos não-brancos. Tal etnônimo marca o fato de serem formigas (não gafanhotos) e de terem outra cor de pele. A depender de onde fui transitado, sou-era não apenas sarará, mas também galego, leite com café, quase branco ou negro. O processo de me tornar negro perpassou (e perpassa) diversas experiências com o racismo com oscilações na consciência. Identifico-me e assumo expressões culturais, religiosas, artísticas, sociais e linguísticas que são legados das culturas afro-brasileiras. Estudo sobre raça, racismo, identidade, (contra-)colonialismo e línguas africanas (kimbundu, iorubá, fongbe), que são meu campo de trabalho e de pesquisa. Vou no aṣẹ (ou axé) receber a benção. Quando possível, frequento sambas, maracatus, pagodes, quilombos e congadas.

Kayadi (em kimbundu, “segundo”). A atuação no EEABI é-foi realizada no contexto que estou, na Escola Municipal de Ensino Fundamental América, no bairro São José, na zona Leste, em Porto Alegre. Circular pela comunidade me desperta familiaridade, como se estivesse andando pelas ruas enladeiradas do Cabula. Fazendo uso do provérbio [uma vaca tem que pastar onde ela está amarrada], pastei nos acúmulos coletivos de (re)conhecimento da escola, da comunidade, dos estudantes e dos docentes. A análise é-foi construída a partir das forças visíveis e não-visíveis: a comunidade é racializada, urbana, periférica, negra e africana, tanto na forma de habitação como na presença marcante das casas de religião. Da parada de ônibus até a escola, subindo a ladeira, há: 1 posto de saúde (Eli Flores); 1 associação de moradores; 1 igreja evangélica; 2 bares; 1 drogaria; diversas casas de moradores; pequenos estabelecimentos comerciais

(quitandas, barbearia, loja de artigos religiosos). Nas ruas ao redor, a paisagem se repete: residências, comércios pequenos. Acrescenta-se ao cenário um riozinho (Arroio dos Moinhos) e muitas casas de religião, de dimensões diversas. Os/as estudantes constantemente expressam seus pertencimentos religiosos: "sou de Oxum, sor"; "Minha cabeça é de Xangô". Aqui tive acesso a outras práticas religiosas, distintas de Salvador em vários aspectos, nas tradições, nos falares, nos comportamentos, nos adereços, nos cantos, nos entrelaçamentos. A partir dos censos do IBGE, o Rio Grande do Sul é o estado que tem maiores índices (em termos absolutos e percentuais) de praticantes de religiões de matriz africana e de casas de terreiros. As populações afro-gaúchas experienciam variadas experiências com o sagrado, como umbanda, candomblé, kimbanda e batuque (de nação nagô, jeje ou cabinda). As sínteses dos contatos estabelecidos em território brasílico (e, depois do século XIX, brasileiro) são múltiplas e diversas, e (cosmo)perceber as raízes e transformações pode ser um caminho de (re)descoberta individual e comunitária. Se Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que lançou hoje, que possamos fazer uso inverso do tempo para entrelaçar os caminhos feitos pelas/os de ontem com as/os de amanhã.

Katatu (em kimbundu, "terceiro"). Durante um ano de EEABI, escolhi trabalhar no espaço que conheço - realizei contações de histórias, mediei leituras, organizei ações pedagógicas. Atendi todas as turmas da escola, em momentos e com ações diferenciadas e adaptadas. 431 estudantes na escola vivenciaram alguma ação pedagógica. É comum andar pelo corredor e ser abordado: "quando vai buscar a gente, sor?". Espero que eu tenha promovido diversas habilidades de multiletramento racial crítico, positivando a cultura afro-brasileira e as culturas indígenas. Nada disso seria possível sem um esforço coletivo de aliados antirracistas. Alongexi, eme ngamisakidila (em kimbundu, "Professores, eu vos agradeço"). Vocês se posicionaram e fizeram atividades, oficinas, formações, materiais, publicações. Como em capoeira, lutamos em uma roda alternando adversidades e improvisando movimentos contra nossos adversários. É-foi uma tarefa cotidiana e coletiva. Makafunga, eme ngamisakidila (em kimgundu, "Coordenadores, eu vos agradeço") fizeram-se presentes, permitiram espaços, dialogaram possibilidades, articularam formações, cobraram esforços. Athu a sanzala, eme ngamisakidila kyavuluvulu (em kimbundu, "Pessoas da comunidade, eu vos agradeço imensamente"), na medida do possível, se fizeram presentes, mais até do que foi planejado, assumiram agência, protagonizaram seus saberes e compartilharam vivências. Escrevivemos com vocês nossas trajetórias, etu twamisakidila (em kimbundu, "nós vos agradecemos") Aquilombar, Afronário, Comanches, Poetas Vivos, Cantando e Contando a Capoeira, Museu do hip-hop, Leandro Machado, mestre Castor, Lanceiros Negros.

Nessa trajetória, percorremos experiências pessoais e coletivas, com diversos tons, afetos e sensações. É-está mais do que antecipação - vivemos um ano em diferentes estágios de tempo-espaço. Não é individual, é resultado de uma longa caminhada que tem sido feita e que continuará. Os caminhos são diversos, às vezes com atalhos e outras vezes sem demarcações. Aqui nada é criação individual, particular ou original - nem consigo imaginar algo que seja - tudo é comum e partilhado, é tradição e inovação. Aos que ficam, xalenu kyambote (em kimbundu, "Fiquem bem")! Eyi zaanɖé (em fongbe, "Até logo")! Ẹ ṣeun (em yoruba, "obrigado (para pessoas mais velhas)".

WAYURI LÉLIA GONZÁLEZ

Thamires Silva e Silva
Coordenadora EEABI EMEF Rincão

Sentei na biblioteca da escola, lugar que ocupamos como EEABI, para iniciar essa escrita e me deparei com a dificuldade de começar. Não por não saber o que escrever, mas porque tivemos um ano tão intenso de trabalho que fica difícil definir um ponto de partida. No entanto, quando penso em tudo o que foi produzido este ano, me vem uma certeza: o trabalho é coletivo. Exalto, portanto, duas coisas: o coletivo antirracista Wayuri Lélia González, formado por um grupo de 4 estudantes da EMEF Rincão, e o grupo de professoras da Zona Sul do qual faço parte junto com Bruna, Fancy, Sílvia, Alexandra e Ana Paula, que organizaram a 3ª Formação Pedagógica dos EEABIs. Os grupos citados trouxeram cor, afeto, companheirismo e muito trabalho compartilhado nesse 2025. Acredito que é assim que a gente cresce e nas escolas não poderia ser diferente.

Embora trabalhar com colegas-amigas-companheiras seja extraordinário, eu sou uma professora muito orgulhosa dos meus alunos e das minhas alunas, então, hoje, eles serão o foco dessa escrevivência.

Em 2024, o coletivo surge a partir de uma demanda de estudantes por um espaço de escuta, de fala e de produção de conhecimento acerca das temáticas raciais. Tínhamos um grupo maior no início, no entanto, a partir do momento que começamos a assumir alguns compromissos, o coletivo foi diminuindo de tamanho e hoje posso dizer que ficaram “os de fé”, aqueles que gostam de trabalhar, de pensar uma outra escola, de questionar e que são extremamente responsáveis.

O trabalho que desenvolvemos ao longo do ano exigiu muita dedicação por parte dos alunos, pois eles eram os responsáveis por pesquisar, por produzir e por colocar em prática algumas ações, o que envolvia trabalhar com os alunos dos anos iniciais. A minha parte consistiu apenas na orientação dos temas abordados, na correção dos materiais e na supervisão dessas práticas.

Esses alunos, que demandavam um espaço de identificação e de escuta sobre as questões que vivenciavam na escola, foram, ao longo desse ano, se desenvolvendo de forma muito bonita. Considero uma sorte grande ter convivido bem de perto com a Agatha, com a Ana Lia, com a Ryanna e com o Kelvyn, o único menino entre nós, e poder acompanhar cada vez que eles, ainda que nervosos, entravam em sala de aula para falar sobre racismo, para fazer contação de história, para falar sobre os Lanceiros Negros e para fazer oficina de cuidados para cabelos cacheados e crespos.

Foi bonito, também, cada vez que algum colega professor comentou que o trabalho com o coletivo estava ajudando no desenvolvimento deles em sala de aula e como pessoas. Mais maduros, mais responsáveis, mais estudiosos... Esses foram adjetivos que ouvi algumas vezes ao longo deste ano. Mérito nosso, mas muito mais deles.

Claro que esse trabalho não seria o mesmo se não tivéssemos um grupo de professoras e professores que acreditassem no potencial desse projeto, pois confiaram em nós as suas turmas e as suas aulas para que pudéssemos executar algumas ações. Sou muito grata a cada prof. que nos recebeu e a cada aluno e aluna que participou, questionou e enriqueceu nossas atividades.

O trabalho com o coletivo me rendeu um convite para realizar uma fala para a turma de PIBID da UFRGS e fui, orgulhosa que sou, falar de como é organizar um grupo de adolescentes que promovem o antirracismo dentro da escola. F**oi muito especial poder voltar para o lugar que me formei professora para falar sobre o meu "clubinho". Afinal, são eles que me ajudam a ser uma professora e uma pessoa melhor. São os alunos que me ensinam a ser gente e que dão sentido ao meu trabalho.**

Crescemos muito neste ano e sou verdadeiramente grata pela nossa trajetória até aqui. Vamos por mais.

PERTENCIMENTO EM MOVIMENTO: ESCREVIVÊNCIAS DE UM ANO DE ENCONTROS E TRANSFORMAÇÕES

Cintia Dubois
Coordenadora EEABI EMEI Vale Verde

Esta escrita nasce do chão da Escola Municipal de Educação Infantil Vale Verde e também das minhas próprias travessias. Escrevo de dentro da escola e de dentro de mim, como quem colhe memórias recentes. Não se trata apenas de um relato, mas de uma escrevivência, como afirma Evaristo (2017), expressão que traduz o gesto de transformar experiência em reflexão.

Ao longo de 2025, a escola se transformou e, no mesmo movimento, eu também. Histórias afro-brasileiras e indígenas passaram a ocupar as salas de referência, deslocando o meu olhar, o das demais professoras e o das crianças. A cada proposta pedagógica, percebia mundos se abrindo, como portas que sempre estiveram ali. Elementos naturais evocavam o tempo circular dos povos originários, enquanto tambores e cantos traziam memórias afrodescendentes historicamente silenciadas.

Esses saberes não caminharam isoladamente. Misturaram-se, encontraram-se e se tornaram corpo vivo. Krenak (2019) defende que precisamos de outras maneiras de imaginar o mundo, e as crianças foram as primeiras a fazê-lo. Quando ouvi uma delas dizer "Eu sou uma criança negra", compreendi que abríamos caminhos onde antes havia silêncio e que, ali, identidades ganhavam voz, gesto e presença.

A escola, antes organizada por fronteiras invisíveis, transformou-se em território de convivência entre crianças negras, pardas e brancas. A visita da família Guarani Mbyá expressou essa convivência de forma marcante. As crianças brincaram com um jovem indígena como se sempre tivessem convivido. Naquele momento, o pertencimento tornou-se experiência sensível.

Como coordenadora do Espaço Educativo Afro-brasileiro e Indígena (EEABI), acompanhei esses processos e também fui afetada por eles. Os estudos e as trocas com a equipe mobilizaram camadas internas da minha formação. **Percebi o quanto minha branquitude havia orientado, muitas vezes de forma inconsciente, meus referenciais e silenciamentos. Revisitar esses lugares exigiu reconhecer limites, desconstruir certezas e acolher desconfortos. Ao compreender a estrutura eurocêntrica que moldou minha trajetória, pude revisá-la e provocar a mudança pelo diálogo com os demais educadores.**

As professoras trilharam percursos semelhantes. Muitas, formadas em currículos que pouco contemplam a diversidade étnico-racial, vivenciaram o desconforto criativo mencionado por Kilomba (2019). Questionaram livros, reavaliaram práticas, buscaram novos repertórios e revisitaram discursos. Esse movimento coletivo gerou debates significativos e aprendizagens compartilhadas, reafirmando o que Nilma Lino Gomes (2019) defende. A educação antirracista deve ser exercício cotidiano. Exercício em crescente qualificação em nossa escola.

O ambiente escolar revelou essa transformação. Imagens, narrativas, músicas e materiais foram ressignificados. As crianças criaram bandinhas, reconheceram ritmos, exploraram instrumentos e identificaram cabelos, peles e histórias com mais autonomia. As famílias, ao ouvirem seus filhos, também se transformaram. Gonzalez (2003) lembra que a identidade se constrói nas pequenas experiências. Observei isso diariamente.

O encontro com a família Guarani marcou profundamente toda a comunidade. Recordo-me da emoção das professoras ao presenciarem uma convivência verdadeiramente horizontal entre culturas. Naquele dia, o afeto se expressou por meio da escuta, do cuidado e da presença.

Com a musicalidade de Allan Pevirguladez, Gelson Oliveira, Ivone Lara, Martinho da Vila e tantos outros artistas, ampliamos a sensibilidade e a representatividade negra em nossos estudos. Nesse processo, observei professoras que antes demonstravam receio se abrirem para refletir sobre o racismo estrutural. Algumas, inclusive, passaram a adquirir livros por iniciativa própria, reafirmando o que Freire (1996) sustenta: ninguém se liberta sozinho e ninguém educa sozinho. Respeitando-se os diferentes tempos, educamo-nos todos.

Ao revisitar minhas próprias práticas e concepções, compreendi que coordenar o EEABI não significa apenas orientar ações, mas também permitir-se mover e rever. O que escolhemos apresentar às crianças e a intencionalidade dessas escolhas tornou-se central para a afirmação das relações étnico-raciais. O repertório imagético tornou-se o princípio. Fotografias, ilustrações, obras, símbolos, referências culturais, materiais estéticos deixaram de ser apenas um complemento e tornaram-se estruturantes do processo educativo.

Trabalhar com culturas afro-brasileiras e indígenas é lidar com vidas, memórias, territórios e direitos. É garantir que cada criança reconheça sua história e dignidade. Trata-se de um compromisso ético dos educadores revisar práticas e construir ambientes pluralizados. Essa compreensão se tornou evidente na escola e também em mim.

Hoje reconheço os frutos desse processo. O olhar atento das crianças, a curiosidade sobre outras ancestralidades, a segurança crescente das professoras e o envolvimento das famílias fortaleceram diálogos antes inexistentes. Brum (2019) afirma que o mundo pode caber em um território pequeno quando vivido com profundidade. Assim se fez a Vale Verde, pequena em tamanho e imensa em travessias.

Que 2026 nos permita seguir caminhando. Que a escola permaneça como espaço de coexistência de ancestralidades e de aprendizagem ética. Que continuemos produzindo escrevivências que afirmem nossa humanidade e a das crianças. Como lembra Evaristo (2017), nossas palavras carregam marcas das experiências que fazem nascer novas possibilidades de existir.

PARTILHA, DESAFIOS E CONQUISTAS

Caren Medeiros da Silva
Coordenadora EEABI Emeef Lygia Morrone Averbuck

Quando paro para escrever sobre o trabalho do EEABI Daiane dos Santos da Escola Especial Lygia Morrone Averbuck no ano de 2025, passa um filme na cabeça. Foi um ano intenso com partilhas, desafios e conquistas. Revisando o plano ousado que fiz para este ano, percebo que a maioria das propostas aconteceu e houve um envolvimento do grupo. Mesmo assim, ainda é difícil para alguns perceberem a importância de buscar uma ação pedagógica que dê visibilidade positiva para autores negros, artistas negros, histórias em que negros sejam protagonistas e que sejam afroafetivas (termo que aprendi este ano em nossas formações).

Aliás, nossas formações foram o combustível para enfrentar os desafios que surgiam, aos poucos os vínculos estabelecidos com outros coordenadores de EEABI's ajudou a construir outras possibilidades que viabilizassem o trabalho. **Contei com a equipe pedagógica da escola, sempre apoiando as propostas apresentadas. Conseguimos realizar vários alinhamentos pedagógicos trabalhando conceitos importantes para o letramento racial e que reverberam na ação dos professores. O caminho ainda está sendo desbravado, muito temos a percorrer para realizar uma educação realmente antirracista, mas a caminhada já começou.**

A maior prova disto foi nosso sábado letivo integrador da Consciência Negra. Um sábado em que lotamos o ginásio da escola com trabalhos realizados por todas as turmas da escola e por todos os professores, trabalhos sensíveis e que emocionaram muitos pais, despertaram a curiosidade de outros e ainda trouxeram beleza, informação e afetividade. Foi uma alegria perceber o envolvimento das professoras, funcionários, monitores e agentes para que tudo corresse bem, todo envolvimento.

Depois da história *O fio da memória* de Fabiana Sasi, a proposta era registrar em um tecido com desenhos, palavras ou mensagens a memória que fica deste sábado, foi gratificante e aqueceu o coração ver famílias, estudantes e demais colegas empolgados e concentrados em deixar registrada sua memória, ver escritas de famílias falando de ancestralidade, de luta não tem palavras que descrevam meu sentimento. Foi tão intenso o momento que não consegui fazer muitos registros fotográficos, mais tarde em casa relembrando tudo percebi que não fiz uma fala de encerramento e, na mesma hora, lembrei de Nego Bispo sobre confluência, sobre sermos o começo, o fim e o começo e me dei conta que não tinha que ter fala de encerramento mesmo.

Tudo ficou reverberando na mente e no coração de todos os presentes e que alegria ver que estamos todos com uma presença real naquele momento que esquecemos por alguns instantes de outras preocupações e nos deixamos estar, viver e ser aquele momento. **Que em 2026 eu possa continuar confluindo com outros rios como diz Nego Bispo, que eu tenha força para defender o que acredito e o que é necessário no espaço da escola para uma ação antirracista e que contemple o que é exigido por lei, na educação das relações étnico raciais.**

CAMINHO DE UM ANO NO EEABI DA EMEI VILA NOVA RESTINGA

Rita Fabiane de Assis Machado
Coordenadora EEABI EMEI Vila Nova Restinga

Porto Alegre amanhecia sempre diferente, mas dentro de mim havia um mesmo fio que atravessava todos os dias: o compromisso de manter vivo o que pulsa no EEABI da nossa escola.

O ano começou como quem tenta respirar em meio ao vendaval. Faltava gente, faltava tempo, faltava entendimento. Faltava, sobretudo, o reconhecimento de que os Espaços Educativos Afro-brasileiros e Indígenas não são acessórios – são raízes. E quando a falta apertou, retornei para a sala de aula. Ali, entre crianças e rotinas, meu tempo se dividia, mas meu compromisso não.

Mesmo cansada, mesmo correndo, mesmo rindo para não chorar, escrevi o projeto, ergui o planejamento, teci as ideias com as mãos que também acolhiam, limpavam nariz, amarravam cadarços, acalmavam choros, seguravam mundos pequeninos.

Entre uma dobra e outra da vida, vi algumas educadoras cumprirem a proposta com brilho nos olhos, enquanto outras se esqueciam de que ERER não é opção — é lei, é ética, é reparação. E eu ia lembrando, incentivando, chamando para o compromisso que não é meu, mas nosso.

As crianças, ah... elas sempre entendem antes de nós. Com elas, o conhecimento se espalhava como cheiro de café recém-passado: curioso, quente, afetivo.

Umas descobriram os alimentos de origem indígena, outras encontraram no café histórias antigas. Houve quem mergulhasse nas ancestralidades de *Oju Dudu*, e quem reinventasse brincar aprendendo com povos que muitos insistem em manter invisíveis. Pelas mãos pequenas, iam se

desfazendo os equívocos sobre aldeias, matos e florestas. Crescia em cada olhar a certeza de que povos originários não são passado — são presença.

A festa junina, costurada de culturas afro e indígenas, encerrou o semestre como uma grande ciranda de descobertas.

No segundo semestre, a palavra de Rosani Kamury Kaingang acendeu em nós uma fogueira de saber. Era formação, mas também era cura. Era um encontro com histórias que não cabem nos livros que a escola costuma escolher.

E com mais professores chegando, voltei ao lugar de onde nunca deveria ter saído: a coordenação do EEABI. Retornei com sede de participar, de construir, de formar.

Então vieram as personalidades indígenas e negras.

Cada dupla de turmas escolheu uma vida para mergulhar. Daiara Tukano, Daniel Munduruku, Xadalu, Myriam Krexu, Rosani Kaingang... depois, Sônia Rosa, Mae Jemison, Olodum, Daiane dos Santos, Zica de Assis.

As crianças pesquisavam, perguntavam, encantavam-se. E nós, educadoras, aprendíamos novamente a ver o mundo.

A Mostra Cultural foi um mar de cores e vozes. Vieram elogios, vieram dúvidas — algumas confundindo cultura com religião. Esclarecemos. Educamos. Abrimos caminhos. Porque o trabalho de ERER também é desmontar medos plantados por séculos de desinformação.

E novembro trouxe o brilho das personalidades negras do nosso próprio bairro. Roseli do Renascer da Esperança, com sua luta por acolhimento. Verônica, nossa matrona, mostrando que cada história tem o tamanho do orgulho que a sustenta. Depois, nossos ex-alunos Davi e Deivison, meninos-negros-ginastas-campeões, mostrando que o céu não é limite — é convite.

E quando as crianças ouviam cada narrativa, seus olhos diziam o que a boca ainda não sabia falar: “Eu também posso.”

Mas entre todas as alegrias, houve uma dor persistente: a dificuldade de convencer algumas professoras de que ERER não é tema eventual, não é atividade decorativa. É transdisciplinaridade. É responsabilidade. É pedagogia que repara, reconhece e transforma.

Sigo acreditando que o alinhamento, a conversa e a formação são caminhos possíveis. Sigo acreditando porque essa escrevivência é mais que relato — é testemunho vivo de um ano em que insistimos em semear consciência mesmo quando o solo parecia duro. E sigo porque sei: nossas crianças merecem mundos inteiros. E nós, educadoras, somos chamadas a ajudá-las a construí-los.

SANKOFA- AS APRENDIZAGENS DO PASSADO, AS VIVÊNCIAS DO PRESENTE E AS SEMENTES DO FUTURO

Fernanda Bernardo Maciel
Coordenadora EEABI Parque dos Maias II

SANKOFAR. Esse foi meu exercício diário nas propostas compartilhadas com as crianças no decorrer deste ano. Este processo de resgate e auto conhecimento, possibilitou para mim, para a escola e aos pequenos, a construção de um espaço seguro, interativo e educativo para as aprendizagens sobre a história afro-brasileira, valorizando a cultura e a sabedoria de nossos ancestrais.

Nossos encontros diários, tiveram como eixo norteador as brincadeiras e interações, fortemente enriquecidos pelos valores civilizatórios afro-brasileiros. Focando na ludicidade e na construção de momentos que oportunizassem a recuperação da história afro diaspórica, foram utilizados diferentes repertórios literários e musicais, ampliando assim, a compreensão das turmas sobre a pluralidade do povo negro, desconstruindo esteriótipos e padrões construidos históricamente pelos colonizadores.

Foram oportunizadas diferentes vivências ao longo do ano que de forma individual e/ou coletiva, fortaleceram a construção da identidade de nossas crianças. Ao se reconhecerem em histórias, ao identificarem os sons familiares aos de suas casas, ao relatarem suas vivências religiosas (sem constrangimento), ao identificarem nas imagens apresentadas reis, rainhas, guerreiros e pessoas de grande valor e importância na história mundial, observando semelhanças entre estas e seus traços, ou os de seus pais, tios, primas e tantas outras pessoas de seu convívio social, o sentimento de pertencimento, foi construído com alegria e entusiasmo. Não falávamos dos “outros”, mas de “nós” - nosso povo, nossa história, o que nos faz crescer, o que nos fortalece!

Compartilhamos brincadeiras, jogos, histórias daqui e de além mar, da travessia também e assim como na canção Olelê Moliba Makassi, a cada passo nossos encontros eram fortalecidos, a cada "remada", a canção entoada virava poder, e juntos "atravessamos" as adversidades do ano, mais fortalecidos, mais unidos e mais felizes bela bagagem que construímos na caminhada.

Este certamente, não foi um trabalho de colheita, mas sim de semeadura. Os frutos serão colhidos no futuro. No presente, fica a alegria do encontro, o compartilhamento de nossas histórias, as risadas e alegrias dos bons momentos vivenciados, onde passado, presente e futuro se misturam e dançam em uma ciranda repleta de axé, potência e ancestralidade.

EDUCAR PARA PERTENCER: O EEABI VIVIDO NO COTIDIANO DA VILA DA PÁSCOA

Michele Pacheco
Coordenadora EEABI Emei da Vila da Páscoa

Um ano em que caminhamos juntas, crianças, professoras, famílias e comunidade, para construir um espaço educativo onde as vozes, histórias e memórias afro-brasileiras e indígenas pudessem florescer em cada canto da escola. Esta escrevivência nasce do vivido, do que pulsou no chão da Emei da Vila da Páscoa: mãos pequenas explorando elementos naturais, olhos atentos às histórias que contam quem fomos e quem somos, corpos que descobrem pertencimento e identidades que se fortalecem. Eu poderia listar aqui as dificuldades que enfrentamos ao longo do ano, e não foram poucas, porém escolho direcionar o olhar para aquilo que funcionou, que nos inspirou, que superamos e que conseguimos construir.

Desde quando abrimos as portas do programa EEABI, caminhamos com intenção. Algumas vezes encontramos desafios, mas continuamos resilientes. Cada encontro, cada roda, cada proposta foi plantada como semente. E as crianças, com seu modo próprio de habitar o mundo, foram o solo fértil onde nossas experiências se enraizaram.

No início do ano, o foco foi sensibilizar, aproximar, permitir que as crianças tocassem, sentissem, cheirassem e manipulassem elementos naturais e artefatos culturais indígenas. As crianças chegaram com curiosidade viva, perceberam texturas, compararam cores, perguntaram, construíram relações. A história *Cada pedaço meu* abriu conversas espontâneas sobre corpos, características físicas e singularidades. Misturar tintas até alcançar o tom da própria pele foi mais do que uma atividade, foi um reconhecimento de si, um olhar amoroso para quem se é. As famílias neste primeiro momento foram espectadoras silenciosas, mas presentes, acompanhando pelo mural a materialização desse primeiro movimento.

Mês a mês nossos horizontes foram se ampliando. As crianças se encantaram com as tintas naturais, com o cheiro forte da erva-mate, com o vermelho vivo do urucum, com o amarelo do açafrão. Pintaram, experimentaram no corpo, deixaram que as cores falassem por elas. Nos grafismos, foram sensíveis aos detalhes; criaram com concentração e respeito, inspiradas pelas imagens compartilhadas. Os professores cada vez mais se sensibilizavam e refletiam sobre suas práticas e neste movimento vivências únicas e marcantes surgiram.

Na turma do jardim, as crianças mergulharam em descobertas sobre a terra e nos saberes indígenas que celebram sua união com a natureza. Entre chás, raízes, culinária, plantio e muitas vivências, o cotidiano escolar se enriqueceu de sentidos.

No Maternal, as músicas indígenas e a produção de chocalhos renderam desdobramentos inesperados. Os instrumentos se tornaram parte das rodas, dos cantos, das brincadeiras de todos os dias. Cada pequeno gesto reverberou com grandeza.

Em setembro, mergulhamos na cultura afro-gaúcha, especialmente na narrativa dos Lanceiros Negros. A contação de *O Lanceirinho Negro* tocou profundamente o grupo. As crianças olharam para as ilustrações com seriedade, e desenhar os lanceiros foi um gesto de reconhecimento e memória. A dramatização da batalha, com lanças, transformou a escola em palco de um passado que ainda ecoa. **As crianças foram protagonistas de uma história muitas vezes silenciada, e isso fez diferença.**

A literatura esteve sempre presente, tecemos histórias, identidades, pertencimento e afetos. Os livros *Da cor que eu sou* (Andressa Reis), *Bandele* (Eleonora Medeiros) abriram portas para conversas profundas. Com sensibilidade e espontaneidade, as crianças revelaram que enxergam as diferenças, e que nosso papel não é colocá-las em hierarquia, mas acolhê-las, reconhecê-las e celebrá-las. As propostas foram marcadas pela estética e pelo cuidado: ao pintar com lápis tons de pele, encontraram cores que se aproximavam das suas. Na oficina de turbantes, criaram, experimentaram, ajudaram colegas, tecendo laços para além do tecido. Nas máscaras africanas, o entusiasmo tomou conta: cores vibrantes, formas inventivas, expressões que revelavam força e imaginação. Tudo reverberou no fortalecimento da autoestima e na ampliação do repertório cultural.

O Novembro Negro coroou nossa trajetória. Foi o mês mais inteiro, mais visível, mais potente. As histórias *Amor de Cabelo* (Mattew A. Cherry) e *Ana, a Família e o Baobá* (Léia Cassol) nos convidaram a refletir sobre identidade, ancestralidade e beleza. A produção da boneca Ana e do jogo do baobá fez com que as crianças mergulhassem no simbólico, criando suas próprias interpretações. As produções dos colares africanos, foram momentos de autoria e delicadeza.

A Mostra dos Percursos emocionou, fotografias, desenhos, objetos, experimentações... tudo exposto como testemunho de um ano vivido com intenção e verdade. As famílias, mesmo em menor número, participaram com envolvimento, afeto e brilho no olhar.

Um ano inteiro em movimento, e o que ficou? Ficou a certeza de que o EEABI não é um conjunto de atividades, é uma atitude pedagógica, um posicionamento, uma escolha ética. Ficou a imagem das crianças reconhecendo a si mesmas nos livros, nas tintas, nos grafismos, nas histórias. Ficou o aprendizado coletivo de que diversidade se vive, não se apenas discursa. Ficou a escola mais viva, mais colorida, mais consciente. Ficaram vínculos fortalecidos entre professores, setores, famílias e, principalmente, entre as próprias crianças. E ficou também em mim, a alegria de ver que cada semente plantada encontrou solo para germinar. O EEABI foi presença, gesto, cuidado, construção diária. Foi resistência e afeto caminhando lado a lado.

Ao final do ano, sinto que crescemos. Crescemos como escola, como comunidade, como pessoas. E seguimos, porque a educação para relações étnico-raciais não termina em dezembro. Ela segue conosco, pulsando para o próximo ciclo, para o próximo encontro, para as próximas histórias que ainda iremos narrar.

CARTA ABERTA

Thaís Magnani
Coordenadora EEABI Emei Jardim Camaquã

À Equipe responsável pelo EEABI's na Rede Municipal de Porto Alegre;
Aos colegas de luta por espaços mais justos para todas as nossas crianças;
Às crianças que nos movimentam...

Escrevo um relato em formato de carta, porque penso que, além de ser um documento para informar o que levo deste ano, da caminhada que tive a oportunidade de percorrer junto de gente que inspira e aprendendo a ouvir o outro falar sobre o seu espaço, penso que preciso agradecer de maneira afetuosa cada machucado causado pelos relatos que nos aproximam de uma realidade que às vezes não nos parece existir, cada acolhida para tomar fôlego para enfrentar uma caminhada que pode até ser difícil, mas que é necessária, que sabemos que não é apenas nossa obrigação, mas também um direito das nossas crianças que deve ser contemplado.

Ao mesmo tempo que iniciei minha jornada profissional na rede pública de ensino, no município de Porto Alegre, após 10 anos em escolas privadas, com um olhar observador para as diferenças que já esperava encontrar na realidade das crianças, que me desperta a certeza de que quero ocupar este espaço e fazer a diferença, inicio o caminhar dentro do EEABI's. Passei por uma enxurrada de novidades, que desperta curiosidade, interesse, sede de saber mais. Ao mesmo tempo que conseguimos entender que a luta é intensa, interminável, que temos muito a aprender, sabemos que devemos e precisamos ser incansáveis!

Ouvi uma professora de uma escola localizada em área indígena falando sobre os estigmas e sobre como incluir sem rotular e limitar;

Ouvi e me encantei com o Maurício falando sobre o Letra Preta, sobre sua experiência enquanto homem negro na sociedade, sobre como criaram um instituto que leva luta em forma de vivências e conhecimento para quem precisa escutar e aprender;

Ouvi minhas colegas fazendo relatos sobre propostas lindas, significativas, que puderam me permitir repensar minhas práticas e levá-las para outros colegas, disseminando a luta antirracista, em prol da inclusão, naturalização, reconhecimento do nosso povo e da sua cultura;

Conheci gente! Gente de verdade! Gente que fez brilhar o olho;

Visitei espaços que consegui sentir o significado;

Ouvi histórias de povos que nos parecem distantes... e não deveriam!;

Participei de propostas e dinâmicas que me permitiram olhar pra dentro de mim, pra trás de mim... procurando os meus velhos e enxergando os seus movimentos que me trouxeram até aqui, do jeito que sou;

Me emocionei, me revoltei, sorri e chorei! Respirei e continuei!

Na escola, quando me propuseram coordenar o eixo do ERER, fui curiosa, mas também com receio de não ser capaz de ocupar este espaço. Hoje, agradeço as aprendizagens que me fizeram melhor como pessoa e como professora, que também foram capazes de contribuir com outras pessoas, que também me ensinaram muito!

Pensei sobre como eu faria isso. Por onde começaria... Como funcionavam as práticas... como organizar um cronograma que contemplasse tudo isso? Por fim, organizei os pensamentos e percebi que a nossa comunidade precisava se olhar! Se perceber, se reconhecer, se valorizar! Observar nossas pessoas e nos inspirar nelas. Então, o primeiro passo foi sugerir que as professoras pudessem ofertar nas suas salas referência elementos que representassem a cultura afro e indigena e suas riquezas, além de representatividade em demais materiais, como livros, bonecas, barbies, etc.

O movimento foi lento, cansativo, e ainda está somente começando... mas consigo perceber um melhor aceite entre o meio do ano e o final dele, e, para mim, já nos faz gigantes!

Aproveitamos as datas comemorativas e qualquer oportunidade para falar sobre reconhecimento e valorização, para apresentar culturas, para amar nosso povo!

Na semana da Consciência Negra, participando da SECON, vivi uma experiência... um sentimento... senti que estava viva, fazendo algo com significado pelas pessoas, pelas nossas crianças!

Finalizo meu relato do jeito que pensei em fazer desde o começo: Agradecendo e escrevendo com o coração!

Que sigamos fortes, firmes e nos apoiando...

EEABIS 2025:
ENTRE INCERTEZAS, RESISTÊNCIA E CONSOLIDAÇÃO

Altemir de Oliveira
Coordenador EEABI EMEI Santo Expedito

O início do ano letivo de 2025 me atravessou com inquietações profundas sobre o programa dos Espaços Educativos Afro-brasileiros e Indígenas (EEABIs) da nossa rede municipal. Carreguei, por semanas, um sentimento de incerteza alimentado pelas constantes mudanças no atual cenário. Era como caminhar sobre um chão que não parava quieto.

Ao mesmo tempo, algo em mim resistia a acreditar na possibilidade de extinção do programa. Havia a memória viva do trabalho realizado pelos EEABIs no ano de 2024, pulsando nas escolas e reafirmando que nossas ações tinham alcançado corpos, olhares e currículos. Lembrei também da formação na Assembleia Legislativa de Porto Alegre, quando o Tribunal de Contas do Estado (TCE–RS) nos apresentou as ações de fiscalização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 2003. O artigo 26-A, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena estabelecido pela lei 10639 e 11645/2003, reacendeu em mim a certeza de que não estamos sós nessa luta. As falas sobre o Grupo de Trabalho GT 26-A, comprometido com medidas efetivas de combate ao racismo, foram como fôlego novo.

Em nosso primeiro encontro com a coordenação dos EEABIs, fomos tranquilizados quanto à continuidade do programa. Haveria mudanças, sim, mas mudanças que convocavam um envolvimento maior dos educadores e fortaleciam a presença da Educação para as Relações Étnico-Raciais no cotidiano pedagógico. Percebi que essas transformações também aproximaram a coordenação pedagógica e a direção da escola, gerando um compromisso mais firme com a construção de uma educação antirracista.

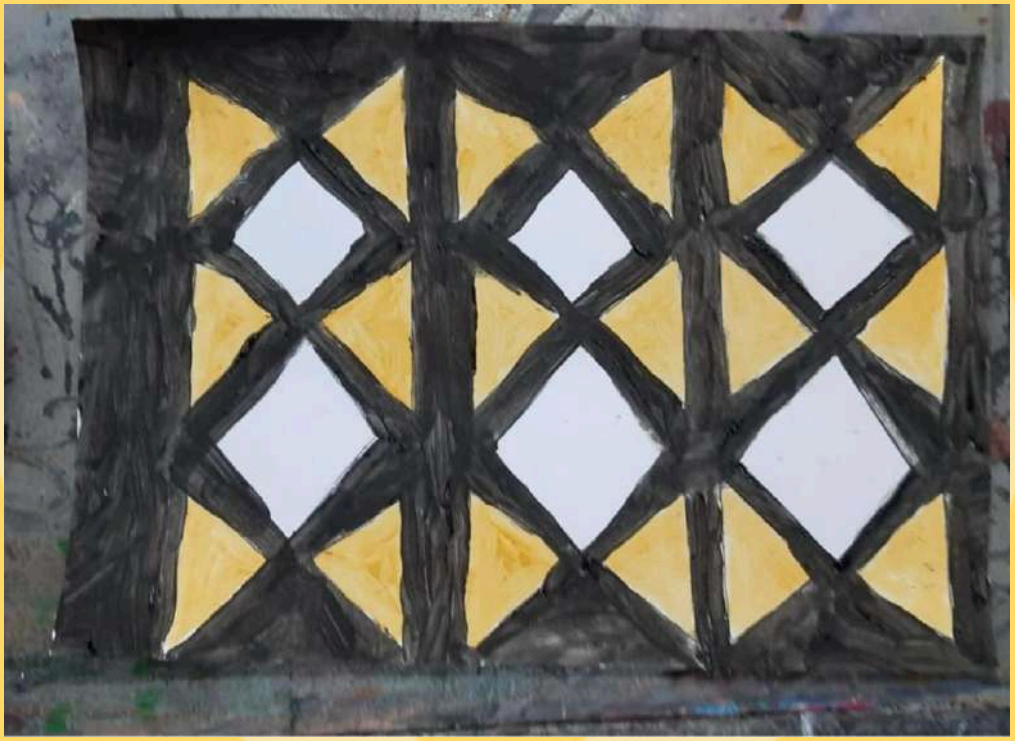
Em 2025, mergulhei com mais profundidade na cultura indígena. As formações com a professora Rosani Kamury foram verdadeiras aulas de mundo. Cada encontro me apresentava histórias, lutas e cosmologias que eu pouco conhecia sobre os povos originários do nosso estado e do Brasil. Essas aprendizagens transbordaram para o trabalho pedagógico, inspirando produções potentes em todas as turmas da EMEI Santo Expedito. Também se fortaleceram meus laços com a coordenação pedagógica, que passou a caminhar mais de perto nas demandas relacionadas à ERER.

Nos encontros de planejamento e formação, percebi que esse movimento não era só meu. **Os representantes dos EEABIs de outras escolas estavam cada vez mais engajados e articulados. Havia um sopro coletivo de pertencimento, de causa comum. Não por acaso, a rede foi contemplada com o Selo Petronilha Gonçalves — reconhecimento que nos encheu de orgulho e confirmou que estamos plantando sementes profundas para que a Educação para as Relações Étnico-Raciais crie raízes definitivas em nossa cultura escolar.**

Na nossa escola, tradicional participante do Salão de Iniciação Científica, vivemos um impasse: apenas um projeto poderia ser selecionado, mas tínhamos quatro. E o que mais me emocionou foi perceber que os quatro abordavam questões de ERER. Ali estava a prova viva do envolvimento e do comprometimento do grupo com a perspectiva de Educação para as Relações Étnico Raciais durante o ano de 2025 . Ali estava, também, mais uma escrevivência que se escreve no coletivo.

EDUCAÇÃO ANCESTRAL: HISTÓRIAS E RESISTÊNCIAS QUE EDUCAM

Éverton Luis dos Santos
Coordenador EEABI EMEF Moradas da Hípica



O ano de 2025, marcou o início de minha experiência à frente da coordenação do EEABI Malu Viana na EMEF Moradas Da Hípica. E chego no final de 2025, com a proposta de continuidade na reflexão de como estabelecer estratégias de ERER no cotidiano de uma escola pública. Inicialmente, devo dizer, que procurei pensar ações, dentro de uma concepção de currículo decolonial. Importante destacar que cheguei à coordenação de EEABI por meio de uma votação, fruto da escolha de meus colegas professores. Em parte, este fato não ilustra as dificuldades que um coordenador de EEABI enfrenta para promover ações de enfrentamento do racismo e suas diferentes materializações no espaço escolar.

O desafio que enfrento neste texto é o de descrever essas experiências cujo início foi a de lutar pela manutenção dos EEABIs na Rede Municipal de Porto Alegre, muito antes mesmo de assumir como coordenador. Lembro da escola e comunidade em férias, mas precisávamos nos encontrar, sem nos conhecermos, sem ter realizado um único planejamento, sem ter a carga horária garantida, ou mesmo sem saber se a escola receberia outro professor de Artes Visuais, para me substituir. Tudo isso, em janeiro.

Mas é o ato de ensinar Artes Visuais que me levou para o EEABI. Pois, como arte-educador e preto, sempre andei à margem e transitei na busca de convergências, sem transitar por linearidades. Inicialmente procurei apresentar o ERER para os 1º anos. Depois, busquei realizar as interconexões, como no caso de uma aula que fala da África, do país de Gana, por meio da pintura dos padrões têxteis, dos tecidos Mud Cloths, com os 8º anos. Ou da apresentação das mancalas na aula de Matemática dos 9º anos. E como memória dessas

experiências, é importante destacar a vivência com Raquel Kubeo, na qual ela apresentou para as crianças da Educação Infantil a cultura imaterial dos povos originários, seu pertencimento, seus testemunhos, por meio da oralidade ou de sua ludicidade ao ensinar a como brincar com um arco e flecha.

As escrevivências se refletiram no espaço e ultrapassaram distâncias culturais e transformaram-se, propagaram-se em movimentos de diferentes corpos, com gingas. Corpos estes brancos, negros, pequenos, infantis, adultos. Mas todos estavam livres. A capoeira da Mestre Didi aconteceu em apenas 90 minutos, mas repercute até hoje. E não poderia deixar de falar do Grupo Ewa Iju. Começaram com pequenos movimentos, ainda contidos no espaço do EEABI. Aos poucos, realizaram apresentações, como no sábado da Mostra Cultural. E continuaram, no Festival da Juventude, no Teatro Araújo Viana, palco de premiações dos Açorianos. E seguiram com seus dois tambores, dois, porém fortes e impactantes.

O grupo Ewa Iju também teve sua participação na Assembleia Legislativa do RS e na 35º Semana da Consciência Negra de Porto Alegre. Emulando ancestralidades, ritmos, e materializando os saberes da África através de sua dança, orixás trajados com as suas cores, algo que nos remete ao passado. Enfim, tudo isso presentifica a certeza de que o futuro é ancestral.

CARTA ÀS CRIANÇAS DA EMEI DOM LUIZ DE NADAL

Flávia Dione Melo da Silva
Coordenadora EEABI EMEI Dom Luiz de Nadal

O projeto Cultura, Arte, Orgulho: Mulheres negras e suas grandes contribuições na Ciência, nos permitiu sulear de modo a pensar a pesquisa científica, o momento de inovação e ao mesmo tempo um lugar onde as memórias ficam guardadas através das histórias contadas ao pé do nosso Baobá. Já sentimos o cheiro de natureza do pátio, pois falar de ciência permitiu observar a pesquisa da obra da cientista mestra e doutora em Botânica Rosy Mery dos Santos Ísaias, com quem aprendemos sobre as "galhas", ao ponto de podermos mapear micro organismos e o estudo de novos sistemas. O laboratório de pesquisa foi montado dentro da nossa Biblioteca Carolina de Jesus, onde recebemos a mensagem que a cientista nos enviou e nos permitiu perceber como as crianças se sentem quando elogiadas, quando são valorizadas suas conquistas, suas pesquisas, suas descobertas.

Passear pela sala do jardim B2 e perceber a escrita e a matemática Katherine G. Johnson, a identidade construída pela turma, da busca pelas estrelas, sim, foi possível ludicamente, percorrer a sala em busca das estrelas, que contavam a biografia de Katherine, por meio da qual ela calculava as trajetórias, janelas de lançamento para muitos voos de Projeto Mercury (primeiro

projeto tripulado de exploração espacial da NASA. O objetivo do projeto era colocar um homem, uma tripulação, na órbita do planeta Terra e trazê-lo de volta com segurança, de preferência antes da equipe espacial da União Soviética na época; os números tornaram-se parte das construções da turma, a máquina do tempo, sim, a máquina de datilografia, a tecnologia de uma época que explodia as ferramentas para atender as novas tecnologias.

Um novo cenário atemporal que se constitui no refeitório das crianças bem pequenas, e como aprendemos com Mae Carol Jemison: "a melhor maneira de fazer os sonhos se tornarem realidade é acordado". E assim foi possível conhecer o espaço, viajar numa nave espacial, ser capaz de imaginar e construir novos repertórios de brincar. O letramento racial vai se costurando por uma linha invisível entre as obras destas mulheres pretas que construíram suas obras a partir do método científico, da pesquisa.

Afinal, o que é pesquisa? Essa pergunta a cada nova apresentação das turmas foi se compondo, o historiar sobre a vida das cientistas estava por si só deixando possibilidades de investigação, apontamentos, busca por verdades científicas e muita experimentação. Assim, foram se fortalecendo aohall da fama Nadal as produções das turmas, que ganharam as mídias digitais e permitiram que todos, a partir das nossas vivências de tempos difíceis recontar a nova escrita que estava sendo desenhada sobre a pandemia do Covid-19. Vivenciar as experiências, mas brincar de médicos, enfermeiros da linha de frente, dos hospitais itinerantes de campanha do drive thru das vacinas nos supermercados e unidades de saúde, da pesquisa da nossa brasileira doutora Jaqueline Goes de Jesus, que liderou a equipe brasileira que sequenciou o vírus SARS-CoV-2 em 48 h após a confirmação do primeiro caso de covid no Brasil. Quanto orgulho ver as crianças nos seus jogos simbólicos de brincar organizando suas vivências, emoções e pensamentos.

E nosso projeto continua a encantar, Katemari Diogo da Rosa, brasileira, queria ser Astronauta, e a partir da sua formação acadêmica e pesquisa, nos permite voltar no tempo/espaço e nos faz refletir: "Dentre as várias coisas que eu faço, no meu trabalho, está tentar entender que conhecimentos foram produzidos ao longo da história e que nos foram negados, escondidos, ou foram veiculados como sendo de origem europeia quando, na verdade, eram conhecimentos africanos ou de povos originários de outros territórios. Por exemplo, diversos povos africanos desenvolveram conhecimentos profundos sobre astronomia. Povos egípcios, há mais de 4000 anos antes da Era Comum já utilizavam um calendário de 365 dias. Mas pouco aprendemos sobre isso, e muitos materiais didáticos ainda ensinam astronomia sem trazer as contribuições de povos africanos. A astronomia é deslumbrante e ancestral e, quando eu era criança, foi esse conhecimento que me atraiu para as ciências, mas eu não sou astrônoma."[1]

E quando descobrimos a Pedra de Roseta, desenvolvemos um material para as crianças trabalharem com decodificação, que é a base para entender criptografia computacional. Criei diversos modelos e, depois de muita prototipagem, utilizando impressoras 3D, cheguei em uma versão final desse material, que é todo coloridinho, bonitinho e tem a minha caligrafia dos hieróglifos. Mas eu não sou cientista da computação, nem engenheira!

A nossa caminhada continua, está na hora de conhecer a Queniana Wangari Maathai, seu maior legado é a Organização Green Belt Movement. O que começou com um mutirão de mulheres dedicadas a plantar árvores para combater os efeitos da desertificação no Quênia, em

[1] Disponível em: https://cienciahoje.org.br/artigo/uma-educadora-de-ciencias-com-os-olhos-voltados-a-ancestralidade/

1977, transformou-se na maior entidade feminista-conservacionista do mundo. Ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 2004, ambientalista e ativista dos direitos humanos. Percebemos a riqueza do nosso pátio, das árvores que estão dando frutos no pé, da sombra de seus galhos que nos permite brincar e escutar um historiar com o vento chegando lentamente, levando o pólen para outros espaços do nosso território a céu aberto, nossa cartografia capaz de nos permitir interagir com o meio ambiente. Nossa escola também, seguindo os passos de mulheres potentes da Nadal, recebeu o prêmio pelo projeto de sustentabilidade desenvolvido para as crianças, com as crianças, pensando nas crianças.

Partimos rumo aos dois últimos desafios, compartilhar as descobertas sobre as cientistas Sônia Guimarães e Gladys Mae West, duas mulheres negras potentes, que suas descobertas em tempos distintos trouxeram os processos de pesquisa com maiores estruturas. As pesquisas da Gladys do mapeamento do formato da Terra a ajudou a inventar o GPS (Sistema de Posicionamento Global) e iniciou o desenvolvimento do primeiro de uma série de satélites NAUSTAR, o sistema de controle do solo e vários tipos de equipamentos de uso militar. As crianças brincaram muito no programa Maps, localizando através do satélite as suas casas, os percursos das turmas até a escola e sobre o território do bairro Restinga. O jogo gigante de trilha, carros de materiais estruturados foram confeccionados pelas crianças e já era possível perceber nos percursos da Nadal as experiências significativas das crianças.

Chega o encerramento do nosso projeto Cultura, Arte e Orgulho, ufa!, quantas histórias para se inspirar, de acreditar na ciência, das potências que foram se constituindo e pesquisadoras cientistas. Então, conhecemos a brasileira Sônia Guimarães, que aos 67 anos, na posição de inventora e primeira professora negra do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), é especialista em física aplicada, com pesquisas sobre semicondutores e desenvolvimento de sensores de calor. Além de cientista, tem registro como inventora ao descobrir a técnica de produção sensores de radiação infravermelha para cabeça de mísseis. Foi vencedora do prêmio Professora Emérita Guerreira da Educação Ruy Mesquita, organizado pelo Ciee e pelo Jornal Estado de São Paulo. É também ativista na luta contra o racismo e discriminação de gênero. Na causa, é envolvida em comissões e projetos que tratem sobre a inclusão de negros na ciência e na academia. Além de fazer parte de ações de promoção pela presença feminina nesses espaços.

No espaço entre as salas do JA, M2B M2A, laboratório de iniciação científica, acontecia um salão de iniciação científica na Nadal, as crianças do M2A e suas professoras conduziram a proposta que foi a apresentação da pesquisa documental e experimentações. Olhos que sorriem, enquanto os lábios gargalham com as provocações feitas a partir das experiências. Quanta boniteza, que ano cheio de letramento racial, de empatia, de enriquecimento sobre Histórias da diáspora Africana.

Já se percebe a educação indígena no cotidiano, as crianças já percebem as dinâmicas de enfrentamento ao racismo sobre a cultura dos povos originários, sabemos que no Brasil, nosso país, mais de 300 etnias estão em território nacional brasileiro. Perceber a cultura indígena foi um desafio, estamos ainda sendo provocados por essa cultura que conta a história de povos pertencentes à terra. Projetos e planos para o próximo ano, queremos estreitar nossos laços afetivos com as comunidades em torno do bairro Lami e Cantagalo, do Cacique Xunu Guarani. Aprendemos a valorizar o tempo, o tempo das e para as coisas, da oralidade e trocas onde todos participam, dos pequeninos aos mais velhos, e o respeito ao processo.

Das brincadeiras aos jogos africanos, da mancala às possibilidades do plantio e do semear, na importância da coletividade, UBUNTU, sou porque somos. Da itinerância dos territórios negros de Porto Alegre à musicalidade, da ampliação dos repertórios às conquistas no letramento étnico racial, construção da identidade coletiva do território Nadal.

Estamos todos em processo de aprendizagens e ensinagens, somos construídos e constituídos através da nossa cultura, nossa religiosidade, daqueles que vieram antes de nós. E para 2026...? Continuidade, aprofundamento dos valores civilizatórios, do acolher a natureza, abraçar as diferenças, estar atento a qualquer movimento de inclinação ao racismo e vibrar a todo sinal de respeito às diferenças.

Para 2026, projetos novos surgindo, execução de emenda parlamentar e as trocas, o respeito, que são a base para execução das leis 10.639/03 e 11.645/08.

O ANO LETIVO EM QUE A ESCOLA MUDOU MEU OLHAR

Lila Fátima Kapinski
Coordenadora EEABI EMEI Migrantes

Ao longo do ano letivo de 2025, percorri um caminho que não foi apenas profissional: foi travessia, descoberta, deslocamento interno. Um percurso tecido por aprendizagens que me tocaram profundamente, por encontros que acenderam novas perguntas e por ações que, mesmo planejadas tecnicamente, acabaram tocando regiões sensíveis da minha humanidade.

No campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, cada atividade realizada parecia abrir uma porta silenciosa, como se as culturas, as histórias e as memórias dos povos indígenas e afrodescendentes estivessem ali, à espera de serem vistas com mais verdade. Busquei, em cada gesto, fortalecer essa presença, honrar a diversidade que funda o Brasil e reafirmar as vozes que tantas vezes foram apagadas.

E foi assim que, sem perceber, esse processo me transformou. Ampliou meu olhar para o racismo, revelou nuances do antirracismo, despertou em mim a urgência de preservar as memórias das populações Negras e Indígenas do Rio Grande do Sul e do país. Povoou meus dias com a certeza de que identidade é raiz viva, e autoestima é território a ser cuidado.

As formações com os coordenadores dos EEABIs foram capítulos marcantes dessa jornada. Não eram apenas momentos de estudo: eram instantes de escuta profunda. Ali, emergiam histórias atravessadas por séculos de resistência. Ali, o tempo parecia se dobrar, trazendo até nós as vozes de quem lutou, de quem chorou, de quem seguiu. Cada encontro ampliava meu repertório, mas ampliava também minha responsabilidade ética — como se eu carregasse, a cada dia, mais delicadamente, um conjunto de memórias que não podem ser

negligenciadas.

Os objetivos traçados para o ano letivo se concretizaram aos poucos, como quem cultiva um jardim: debates que floresceram, práticas que ganharam forma, coordenações que se fortaleceram, repertórios que se expandiram, espaços de diálogo que se abriram com coragem e sensibilidade. E, em cada detalhe, a sensação de que algo importante estava se movendo — dentro das escolas, dentro das pessoas, dentro de mim.

Os resultados puderam ser sentidos quase como brisa: discretos, mas presentes; suaves, mas profundos. Uma consciência mais desperta. Práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade. Projetos que celebram culturas antes silenciadas. Professores que dialogam com novos olhos. Escolas que começam a narrar suas histórias com mais verdade. Ainda assim, persistem os desafios — resistências, tempo escasso, materiais insuficientes. Mas esses obstáculos apenas reforçam o que já sabemos: a luta pela equidade não se encerra, ela se renova diariamente.

Diante de tudo isso, reafirma-se a necessidade de seguir: ampliar formações, integrar a ERER ao currículo de maneira viva, estabelecer vínculos com lideranças indígenas e afrodescendentes, investir em recursos que tornem a escola um lugar plural, onde cada identidade encontre abrigo e reconhecimento.

Concluo este ciclo com a certeza de que o ano letivo de 2025 não apenas ampliou meus conhecimentos — ele modificou minha forma de sentir o mundo. Atravessou minha sensibilidade, despertou responsabilidades novas, reacendeu em mim a esperança. Sigo adiante com a consciência de que há muito por construir, mas também com a serenidade de que cada passo, por menor que pareça, faz florescer uma educação mais justa, mais humana e mais verdadeira.

CARTA AOS ESTUDANTES NEGROS DA EMEF JUDITH

Tatiana Camargo
Coordenadora EEABI EMEF Judith Macedo de Araújo

Ao longo de 2025, muitas atividades voltadas para a Educação para as Relações Étnico-Raciais aconteceram em nossa escola. Essas experiências são muito importantes para vocês, mas também têm um significado profundo para mim, que fui uma criança negra em uma escola sem ERER. Mais do que essencial, é um direito — e posso afirmar com orgulho que fiz tudo o que esteve ao meu alcance para que vocês tivessem garantido esse direito educacional e social.

Vocês se lembram de nossa primeira atividade do ano? Foi um evento sobre as culturas do carnaval. O calor intenso da cidade talvez tenha dificultado algumas atividades práticas, mas não diminuiu o brilho das nossas festas, nem a beleza dos adereços, nem a luz nos olhos de muitos de vocês, que pareciam surpresos por perceber que a escola também podia ser lugar de carnaval.

Me recordo com alegria o quanto vocês se alegram ao encontrar nosso bonecos(as) negros(as), bem como demais materiais do EEABI. São brinquedos que crianças da década passada, como eu, não tiveram acesso, e que representam tanto nossas belezas e potencialidades. A sala do EEABI, apesar de compacta, recebeu vocês com o acolhimento e alegria possíveis. Lá dialogamos, pude contar muitas histórias para vocês, colorimos materiais com os lápis com os diversos tons de pele, dançamos, tiramos muitas fotos, jogamos, produzimos cartazes. Nossa! Foram muitas atividades.

Neste ano, infelizmente, passeamos pouco. O transporte está caro, e a falta de verba dificulta nosso acesso a outros espaços da cidade, o que limita nossas vivências e construções em ERER. Ainda assim, guardemos com carinho os momentos das duas visitas ao Museu do Hip Hop. Foram experiências lindas, cheias de arte, musicalidade e cultura. Notei, em cada sorriso de vocês, a alegria de mergulhar na riqueza estética das culturas negras — momentos que permanecerão vivos em nossas memórias.

Foi também profundamente significativa a oficina que recebemos sobre culturas negras. Tivemos a oportunidade de acompanhar apresentações e vivenciar práticas como a puxada de rede, o maculelê, o samba de roda e a capoeira. Sabiam que só tive contato com grande parte

dessas atividades depois de passar dos vinte anos? Que alegria é poder organizar esses momentos e proporcionar que vocês experimentem e se encantem com tudo isso desde cedo!

Recordo também que enfrentamos juntos momentos difíceis, como as conversas sobre os casos de racismo na escola. É sempre doloroso revisitar essas feridas — tanto para vocês, que precisam relatar o que aconteceu para mim e para o SOE, quanto para mim, que, ao escutá-los, acabo revivendo preconceitos e dores que também já experimentei. Mas estamos na luta para combater o racismo e os EEABIs são muito importantes para esse movimento no contexto escolar.

E voltando a falar de coisas boas, vocês lembram do que compartilhamos sobre as culturas indígenas? Das imagens e artefatos que usamos durante nossas atividades? Vocês guardam na memória as brincadeiras e jogos da cultura indígena que praticamos juntos? Foi muito divertido, né?! Nossas lutas também devem ser as lutas da população indígena, mantenham-se informados e atentos sobre as demandas e culturas dos povos indígenas.

Agora, queremos conversar com vocês — estudantes, professores e funcionários brancos da nossa escola.

Pedimos que se abram para compreender o caminho da nossa ancestralidade e as lutas que ainda atravessamos hoje.

Que olhem para a história com empatia, reconhecendo as marcas do racismo e o papel que cada um pode ter na transformação.

Caminhem conosco. Sejam aliados. Sejam antirracistas — não por nós apenas, mas por uma escola e uma sociedade mais justas para todos.

SOBRE HISTÓRIA DE VIDA, ANCESTRALIDADE, CAMINHOS E SENTIDOS PARA UMA PROFESSORA DAS INFÂNCIAS, CONECTADA COM A NATUREZA E A ERER

Luana Depper
Coordenadora EEABI EMEI Ilha da Pintada

Escrevo de um lugar de privilégios e também de luta: mulher branca, nascida em cidade de berço alemão e rica até a década de 90, e que continuou encenando riqueza mesmo após "quebrar", quando as fábricas de calçado migraram para a China. Única filha mulher e a mais nova, tendo dois irmãos homens mais velhos, mãe do lar presente, pai único provedor financeiro e ausente de presença, criada com muito carinho e cuidados, com exageros da superproteção familiar (a dos pais e a estendida aos autorizados irmãos mais velhos), que nunca precisou trabalhar para se sustentar enquanto vivia com a família, sempre estudou em escola pública, tanto rede municipal quanto estadual, e que teve apenas um amigo negro na infância, somente no período escolar de um ano.

Criada num ambiente machista, preconceituoso e racista, nunca se viu pertencente àqueles comentários e opiniões e sempre se incomodou com eles e com o sistema em que foi inserida. Desde criança se identificava com o "Ser Professora" e, na adolescência e juventude, viu no Magistério e no Direito, a possibilidade de mudar o mundo, a partir dela mesma, no que acreditava e das bandeiras que havia escolhido para defender e fazer justiça. Seguiu pelo magistério, sempre com sede de equidade, direitos iguais, acesso para todos, acreditando na sobreposição das pessoas ao capitalismo. Esse sentimento cresceu ainda mais, devido à criação que teve e ao sistema opressor que viveu, sem apoio, sem voz, sem força e sem esperança.

Mas o tempo passou e se tornou Mulher... e a mulher que se tornou não a permitiu mais ficar na subjetividade, porém precisou de apoio emocional para deixar de acreditar na "gaiola": ela sempre foi livre mas chegou o tempo que poderia voar, sem ninguém aparando suas asas... Somente precisava acreditar que podia voar, até porque "*o voar não vem da asa*", Mia Couto. No ano de 2018, começou a buscar a sua ancestralidade, e descobriu a valorização da família pelas raízes europeias da Alemanha, e totalmente desdenhada a raíz brasileiríssima, originária, indígena Kaingang, que insistiam em chamar de bugre: "não eram índios, eram bugres". Em ambas citações, somente o pior: colonialismo puro e duplicado. Então percebeu que tinha mais uma bandeira de luta: dos povos indígenas, em especial "do seu povo", da ancestralidade de uma tataravó materna e sua história de ter sido "caçada à cachorro no mato porque era muito arisca". História contada pela sua avó materna, bisneta da mulher Kaingang, e que foi interpretada pelas mulheres da família, como algo grandioso: "olha, como ela era brava". Mas que nunca entenderam o desrespeito, o abuso e a violência contida nesta frase e na ação que houve sobre aquela mulher indígena Kaingang, que morava com seu povo, numa aldeia nos Campos de Cima da Serra, no RS, por volta de 1850. Se deparou e se decepcionou também, com o machismo feminino na família, que defendia os homens e acusava as mulheres, que valorizava os homens e punia as mulheres.

Em 2018, começa a pesquisa sobre a sua ancestralidade do Brasil originário e o envolvimento com a temática da ERER, no que tange os conceitos, o reconhecimento do racismo e o ouvir muitas pessoas e muitas histórias, de um mundo de preconceito que mais parecia

história contada. Mas era verdade e era atual. **E quanto mais essa verdade se revelava, mais desconforto a ela trazia.** Compreendeu a necessidade de inserir a ERER diariamente nos espaços educativos em que atuava, muitas vezes sendo solo na luta e na aquisição de materiais, pois entendeu que não podia deixar que crianças passassem por ela sem conhecer a ERER. **E chega o ano de 2025 e a possibilidade de assumir o EEABI da escola... Ela assumiu, com alegria e frio na barriga. E a oportunidade se revelou num tempo precioso de aprendizagem, formação, de conhecer pessoas potentes neste meio, de participar de um programa educacional que fez a diferença em seu ser Professora... Que desafiou, desacomodou, encorajou, guiou, convidou, convocou e abraçou.**

Um percurso tem início, mas pode não ter fim. E não deve ter fim se ele ainda pode ecoar. A ERER continua a ecoar, dentro e fora da professora, nos lugares que ela passou, nas falas que teve, nas escutas e lutas que fez, nas orientações que deu. A prática de ouvir as crianças e permitir que elas conceituam e criem cultura a partir do que vêem, é uma construção lenta mas profunda. Real e verdadeira. Com sentido para fazer sentido. Para dar sentido. Para levantar uma geração que tenha mais acessos do que as anteriores tiveram. Que enxergue desde sempre o problema do racismo, aquilo que separa as pessoas, povos e nações. Que levanta barreiras, muros e abre fendas. Daquilo que fere e violenta um grupo étnico-racial. Que não aceite! Que lute! Que encontre a sua identidade antirracista e nunca acredite que esteja numa gaiola. Que acredite que sempre pode voar e também encorajar outros vôos... Que compreenda que a vida não é somente sobre ela mas sim sobre todos. É sobre ser UBUNTU...

ENTRE ÁGUAS E RAÍZES: O RECOMEÇO DO EEABI DA VILA ELIZABETH

Alex Amaral da Silva
Coordenador EEABI EMEI da Vila Elizabeth

O ano letivo de 2025 no EEABI da Vila Elizabeth foi um tempo de ressignificar o que a enchente de 2024 levou. Voltamos para o nosso espaço físico com o coração cheio de esperança e o compromisso de reconstruir não apenas paredes, mas também memórias, afetos e identidades. A água passou, mas o desejo de resistir permaneceu firme, como raiz que insiste em brotar mesmo depois da tempestade. Entre a lama e o recomeço, o EEABI renasceu com novas cores, novas vozes e o mesmo propósito: educar para a equidade, o respeito e a valorização das culturas afro-brasileira e indígena.

A boneca Luakam, sobrevivente da enchente, tornou-se símbolo dessa resistência. Sua história passou a representar a força de uma comunidade que não se deixa apagar, mesmo diante das perdas. **Em cada proposta pedagógica, em cada diálogo com as crianças, ela nos lembrava que educar é também reconstruir mundos.** As bonecas indígenas Luakam e Anaty seguem presentes, agora como presenças simbólicas que costuram o passado e o presente do nosso trabalho antirracista e indígena.

Como lembra o pensamento indígena, educar é também tecer relações com a terra, com o outro e com o tempo, uma aprendizagem que nasce do vínculo, do cuidado e da coletividade (Krenak, 2019). **Inspirados por essa visão, o EEABI tem buscado construir uma educação que acolhe o sensível e o ancestral, que reconhece a sabedoria presente nas experiências cotidianas e nas narrativas das crianças.**

O retorno à escola trouxe também novos desafios. O EEABI, coordenado pelo professor Alex Amaral e com a colaboração da professora Andressa Costa, segue fortalecendo os vínculos entre o projeto e o cotidiano escolar. A ausência das professoras itinerantes exigiu novas formas de parceria, especialmente com o projeto da horta, coordenado pela professora Graciane Soldateli, onde a terra, a cultura e a ancestralidade se entrelaçam. Foi um ano de (re)encontros, de tecer vínculos entre o humano e o natural, entre o saber e o sentir, entre o individual e o coletivo.

O grupo docente, em 2025, tem demonstrado maior envolvimento com o EEABI. Todos os professores criaram o hábito de planejar ações pedagógicas voltadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais, compreendendo que a prática antirracista se constrói no cotidiano, nas pequenas escolhas e nas grandes intenções e interações com e para as crianças. Essa mudança tem ampliado os espaços de diálogo, fortalecendo o compromisso coletivo com uma educação plural, inclusiva, indígena e antirracista. As crianças, por sua vez, continuam sendo a força que move o EEABI: curiosas, afetivas, abertas às descobertas e às narrativas que afirmam suas identidades.

Encerramos o ano letivo de 2025 conscientes de que o EEABI é um território fértil de aprendizagem e pertencimento. Seguimos caminhando com o compromisso de fazer da escola um espaço de memória, resistência e encantamento, onde cada criança possa reconhecer em si a beleza da ancestralidade. O EEABI da Vila Elizabeth é mais que um espaço físico, é um modo de existir, resistir e lutar pela equidade racial.

Como defende Nilma Lino Gomes (2017), a educação antirracista é uma prática de humanidade, pois nos desafia a rever nossos lugares, nossas histórias e nossos silêncios. É nesse horizonte que seguimos: fazendo da escola um território de escuta, de reconhecimento e de justiça, onde a diversidade floresce como caminho e horizonte de transformação. E foi nesse movimento de escuta, olhar atento e afetividade que surgiu uma experiência marcante: o contexto investigativo sobre os Lanceiros Negros, vivido pelo grupo do Jardim A.

A seguir, compartilhamos essa mini-história, que traduz em gestos e cores o poder da infância em recriar memórias.

Entre Tintas e Memórias: o "Jardim A" e os Lanceiros Negros

Na área coberta da escola, o contexto investigativo sobre os Lanceiros Negros, organizado pelo professor Alex, transformou-se em um verdadeiro campo de descobertas. Sobre as mesas, as imagens dos Lanceiros contavam histórias silenciosas, de coragem, de luta e de identidade. Ao redor, tintas vermelhas, amarelas e verdes esperavam as mãos pequenas que chegavam curiosas, prontas para tocar o passado e recriar partes da história desse povo guerreiro.

As crianças do Jardim A exploravam as cores, misturavam papéis coloridos, criavam formas e sentidos. Entre pinceladas e rasgos de papel crepom, refaziam a bandeira do Rio Grande do Sul, não apenas com tintas, mas com olhares e gestos afetuosos, reinventando seus significados. Em cada traço,

celebravam a força do povo negro, devolvendo aos Lanceiros o lugar de honra nas cores do estado. O espaço se enchia de vozes, de risos e de perguntas e, entre uma cor e outra, a história dos Lanceiros ganhava vida, recriada pelas mãos curiosas das crianças.

Em certo momento, Arthur Gaspar, com o olhar atento e as mãos cobertas de tinta, exclamou:

— Eu sou um artista, né, profê?

O professor Alex sorriu e respondeu com ternura:

— Sim, Arthur. Você é um grande artista! E pode se tornar o que quiser.

Enquanto isso, Marina e Clara observavam as tiras de papel crepom espalhadas sobre a mesa.

— O que será isso? — perguntou Clara, curiosa.

— É papel... papel colorido! — respondeu Marina, animada.

Henry, que ouvia a conversa, ergueu o olhar e disse cheio de imaginação:

— Esse papel pode virar a faixa que os Lanceiros usavam na testa, lá na guerra!

O entusiasmo se espalhou. Logo, várias crianças aderiram à ideia e transformaram o papel crepom vermelho em faixas, amarrando-as na cabeça com orgulho. A área coberta da escola se encheu de pequenos lanceiros brincando, criando e homenageando, com gestos simples e potentes, aqueles que lutaram pela liberdade.

Naquele instante, o aprendizado se fez poético: um diálogo vivo entre o passado e a infância. Entre tintas, papéis e sonhos, as crianças do Jardim A pintaram, com suas próprias mãos, a memória dos Lanceiros Negros e, junto dela, o desejo de um futuro mais justo e cheio de respeito.